

Compartilhamento de memórias pelos objetos artesanais do Projeto Flores do Morro (BH - MG).

Tatiana de Castro e Souza;¹
Marcelina das Graças de Almeida 2;²
Raquel Gomes Noronha 3;³

Resumo:

Neste artigo procurou-se discutir sobre os fazeres manuais e objetos artesanais produzidos pelas mulheres do Projeto Flores do Morro como meio de transmissão de suas histórias de vida, memórias e sonhos. O percurso em campo foi realizado durante as aulas de costura sob as perspectivas das práticas de "Correspondência", do método de design participativo e do método "Histórias de vida", em que as participantes trabalharam relatos de seu cotidiano, memórias e elementos do território em que vivem, para criar as imagens presentes nos objetos artesanais que produzem. Após esta experiência, conclui-se que as práticas artesanais, podem se configurar como meios eficazes de resistência contra as hierarquias sociais, oferecendo uma nova perspectiva sobre as histórias e saberes das mulheres e que o design pode colaborar para manifestar e traduzir estas histórias e sobretudo, potencializá-las e ressignificá-las.

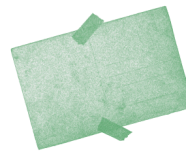
Palavras-chave:

Bordados; Mulheres, Histórias de vida, Narrativas.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD/UEMG). taticastru@gmail.com.

² Professora no departamento de Design/ Universidade do Estado de Minas Gerais marcelina.almeida@uemg.br.

³ Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão (PPGDg/UFMA). raquel.noronha@ufma.br.



1. Introdução

Os fazeres manuais ligados à costura e ao bordado, executados por mulheres ao longo do tempo, se constituem como artefatos em sua materialidade, prática, identidade cultural e são capazes de propor reflexão sobre o contexto histórico social do momento em que foram realizados, portanto são considerados expressão da cultura material (Leite, 2009). Ao representar e recontar histórias de vida, estes objetos preservam e transmitem saberes e memórias para gerações futuras e podem servir como um arquivo para contestar narrativas oficiais e dominantes (Wilson, 2017).

Um exemplo da perpetuação de memórias por meio da materialidade e do saber-fazer foi observado em Santiago, durante o regime de Pinochet (1973-1990), no subúrbio da cidade, onde mulheres produziam Arpilleras, uma técnica de bordado adotada com o propósito de denunciar as violações dos direitos humanos ocorridas naquele período. Essa prática representou uma forma de resistência à opressão durante a ditadura chilena, utilizando tecidos provenientes das roupas de seus filhos desaparecidos ou assassinados pelo estado (Agosin, 2008).

No Brasil, têm-se alguns exemplos em que os bordados funcionam como linguagem e como ato de transgressão, como os realizados pelo Movimento das Mulheres Atingidas por barragens (MAB) que retratam e denunciam os desastres causados pelo rompimento de barragens de rejeitos de mineração, em Mariana (2015) e em Brumadinho (2019). Segundo a coordenação do movimento⁴, as oficinas intercalaram aulas práticas, além de debates em grupos sobre violência, políticas públicas e saúde da mulher.

Este artigo se configura como um relato de experiência da primeira autora, sobre parte da pesquisa desenvolvida durante o mestrado⁵ e propõe a discussão acerca dos fazeres manuais e objetos artesanais produzidos pelas mulheres em contextos periféricos e mediados pelo design como meio de transmissão de suas narrativas, histórias de vida e memórias. A pesquisa foi desenvolvida durante as aulas de costura realizadas pela primeira autora, juntamente com um grupo de 10 mulheres⁶, participantes do Projeto Flores do Morro e moradoras do Morro das Pedras, localizado na periferia da cidade de Belo Horizonte. Teve como objetivo compreender a contribuição do design para o reconhecimento e a reivindicação da autonomia⁷ pelas mulheres em contextos periféricos. No decorrer do estudo a professora e pesquisadora observou ainda o potencial dos objetos artesanais como arquivo de memórias imagéticas e de sentidos, temática esta que atualmente desenvolve em uma pesquisa de doutorado.

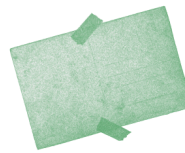
A condução das aulas teve como base o método Design Participativo (DP) (Moraes; Rosa, 2012) que, parte de um pensamento em design que não se limita apenas a designers, mas que se estenda a outros contextos, com o uso de dispositivos capazes de fornecer os meios para esboçar, analisar, esclarecer e mediar ideias, interações e processos (Binder; Brandt, 2008). Juntamente com as práticas correspondências do Design *Anthropology* (DA) descrita por Ingold (2013), como meio de vivenciar a experiência em campo, que quando apropriada pelo design, estabelece-se como forma

⁴ Informações: <https://mab.org.br/2015/06/15/revolu-costurada-mulheres-que-bordam-pr-pria-resist-ncia/>. Acesso em 21 jul. 2025.

⁵ Dissertação desenvolvida e apresentada em 2023 pela primeira autora na Universidade do Estado de Minas Gerais.

⁶ Neste artigo e no texto da dissertação, os nomes das mulheres, são fictícios como combinado de antemão com as mulheres, de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Comitê de ética em pesquisa.

⁷ O conceito de autonomia na pesquisa teve como alicerce principalmente a obra *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire (1996) e a obra *Ensinando a transgredir* de bell Hooks (2003), que refletem sobre a relação entre professores e alunos e como a autonomia pode ser incentivada para avanço do aprendizado mas principalmente, em um processo de conscientização e humanização, aliada a uma prática coletiva transformadora.



atencional de fazer coisas juntos (Noronha, 2018). Além do método "Histórias de vida" como prática narrativa (Nogueira *et al.*, 2017), permitindo evidenciar a realidade vivida pelas mulheres, baseada em suas subjetividades e percepções.

O texto articula com teorias que apontam caminhos para mudança de paradigma no design e que visam a aplicação de práticas no sentido de contribuir para autonomia das comunidades, partindo de uma visão holística, na qual todos os elementos do sistema estão interligados, tecidos como em uma rede. Dentre os teóricos, Escobar (2016) e Fry (2018), Bonsiepe (2011), Manzini (2017), Borges (2011) e Del Gaudio (2017), juntamente com as teorias sobre autonomia de Paulo Freire (1996), bell Hooks (2003) e das pesquisadoras feministas negras, Lélia Gonzalez (1984) e Beatriz Nascimento (2006).

Este estudo se justifica por destacar as vozes e práticas das mulheres participantes do projeto Flores do Morro e copesquisadoras neste estudo, por incentivá-las a empregar a criatividade e imaginação ao recontar histórias sobre suas memórias e vida cotidiana em um processo de resistir e re(existir) a partir da autodefinição e de um posicionamento de estar no mundo para exercer o protagonismo de um devir histórico por meio de suas próprias narrativas (Gonzalez, 1984). E, ademais, por suscitar questões sobre a expansão das possibilidades de estudos no campo do design e as responsabilidades na atuação do profissional designer ao direcionar e organizar meios para refletir e ultrapassar suas habilidades tradicionais e para atuar como mediadores em contextos complexos que estão associados aos sistemas sociais, ambientais e econômicos, para assim fortalecer uma cultura consciente dentro deste campo do saber (Fry, 2018; Escobar, 2016).

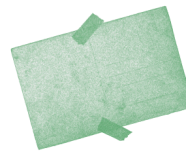
A partir desta introdução o texto está dividido em mais duas partes. A segunda trata da apresentação do projeto e do território em que as mulheres participantes vivem e da prática que foi desenvolvida durante as aulas. A terceira e última parte são as reflexões finais do estudo.

1.1 A aproximação do Design com o artesanato, o Projeto Flores do Morro e os encontros e narrativas bordadas

No Brasil existem diversos grupos de mulheres artesãs que se reúnem, para coletivamente bordar, costurar, dentre outros fazeres manuais. Em muitos desses casos, os objetos artesanais são usados como meio de manifestação das questões que atravessam as demandas individuais e coletivas das mulheres. Grande parte desses grupos contam em algum momento, com a participação de um profissional de design na condução de seus processos artesanais (Borges, 2011).

A aproximação do Design e artesanato no Brasil ocorre desde a década de 1980 e tem como objetivos principais: a otimização da produção, a pesquisa de novos materiais, a comercialização desses produtos de maneira a se adequarem melhor ao mercado consumidor, até resgates de antigas técnicas e materiais que por algum motivo foram abandonadas pelos artesãos (Santana, 2013). Borges (2011) ressalta que, a boa relação entre designer e artesão ainda inclui o desafio de estimular a autonomia, capacidades e o fortalecimento da identidade dos participantes das comunidades criativas. Isso ocorre por meio da valorização dos saberes e fazeres locais, abrangendo inúmeras técnicas artesanais relacionadas às memórias individuais e coletivas dessas comunidades. Contudo, podem ainda incentivar as pessoas a empregar a criatividade e imaginação para resolver seus problemas, atender suas próprias demandas e contar novas histórias sobre sua vida cotidiana (Bonsiepe, 2011).

Exemplo dessa aproximação do design com o artesanato é o Projeto Flores do Morro, localizado no Aglomerado Morro das Pedras, área de vulnerabilidade socioeconômica da região oeste da cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Esta região, cercada por bairros de classe média, iniciou seu processo de ocupação por volta dos anos 1930 por pessoas transferidas de outras favelas de Belo Horizonte. Entre 1945 e 1971 abrigou o lixão da cidade de Belo Horizonte e foi



apontada como um dos pontos mais violentos da capital mineira⁸. Esse cenário se transformou, segundo as participantes, após algumas modificações estruturais que promoveram melhorias na região, além da intensa participação de projetos assistenciais e Organizações não governamentais (ONGs) no local.

O projeto Flores do Morro se tornou uma destas iniciativas na região, que visou contribuir para o desenvolvimento da autonomia das participantes por meio das oficinas oferecidas em que o design foi uma das áreas condutoras, teórica e prática, para construção das atividades. Oficinas de pintura em tecido, serigrafia e bordado, entre outras técnicas, foram disponibilizadas para as moradoras da região, um grupo composto por aproximadamente 10 mulheres, a maioria idosas, sem parceiros, com filhos e netos.

Neste percurso a memória se apresentou como um processo contínuo de reconstrução e interpretação do passado e não apenas como uma simples reprodução. Ao narrarem suas histórias, as mulheres encontram meios de ressignificá-las, ao prolongar o passado no presente-futuro (Ingold, 2016). Como descrito no método Histórias de vida – "Narrar a vida é dela se reapropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que revivê-los" (Bosi, 1987, p. 55). Ao serem contadas, as histórias incorporam o vivido e possibilitam inventar outros modos de ser no mundo, a partir do encontro com o outro, à medida que viabiliza novas interpretações e elaborações do momento (Nogueira *et al.*, 2017). E ao trazer as experiências, rompem com o silenciamento e impulsionam processos de mudança das relações sociais, políticas e econômicas em busca de autonomia (Gonzalez, 1983).

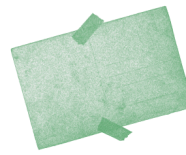
As memórias coletivas desempenham um papel central na formação da identidade coletiva e são transmitidas por meio de práticas culturais e lugares de memória, moldando a compreensão do passado e presente da comunidade (Gondar, 2005). Neste processo, criar cenários, encenar e simular são maneiras de acessar e explorar a imaginação dos atores envolvidos com a pesquisa (Halse, 2010). A técnica de construção de cenários pode ser particularmente útil para aproximar os diversos atores ao redor de determinadas questões, facilitando o compartilhamento de conhecimentos. Os cenários podem ser utilizados nos processos projetuais para favorecer o diálogo, entre os designers, sobre como seria o mundo se determinada ideia fosse materializada.

Nos momentos em que as mulheres conversam sobre a comunidade e sobre suas histórias de vida, narram de maneira verbal e rememoram suas experiências, como parte do contar histórias. Ademais, as artesãs compartilham conhecimentos de saberes populares que dificilmente seria acessado por outras pessoas, assim como acontece nas tradições orais (Borges, 2011). Prática essa, que se caracteriza pela contribuição para a coesão social, como explica Pasquali (2006), uma vez que, diante da ausência desses registros a transmissão pela fala é o meio que se dá a dinâmica da evolução e perpetuação da cultura que essas tradições representam. Esta configuração permite que as comunidades pratiquem design nelas mesmas e ao fazerem isso criam um sistema de aprendizado sobre si, criando também formas próprias de viver (Escobar, 2018).

Os diálogos entre as mulheres tornaram-se dispositivos para a pesquisa e para os temas bordados e pinturas posteriormente realizadas. Pois, além de ornamentar, estes fazeres portam o potencial para a promoção da autonomia feminina, tanto no âmbito econômico, como na denúncia das relações de gênero e resistência política (Allucci, 2019; Maso e Maso, 2020), por trazerem questões estratégicas sobre a identidade, território e as memórias das mulheres.

As histórias narradas pelas mulheres, frequentemente estavam ligadas às histórias do Morro das Pedras, território em que viviam. Assim, a representação do território pelos olhos e percepção

⁸https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/06/19/interna_gerais,1158331/registre-no-morro-das-pedras-sao-150-dias-sem-registro-de-homicidios.shtml. Acesso em: 19 jul. 2025.



das mulheres estiveram presentes durante todo o percurso no fazer artesanal. Como destaca Silvestre (2025):

Um território é uma vida, um agente, uma força vital que participa de quem somos, de nossa identidade e de nosso modo de viver e produzir comunidade. São lugares que entrelaçam histórias, saberes e desejos. As favelas e periferias são locais de resistência e de construção de comunidade. As mulheres que habitam esses espaços são as guardiãs da memória e da cultura (Silvestre, 2025, p. 2).

Os carimbos, juntamente com os bordados e pinturas foram ferramentas para estimular maior interação e participação das mulheres envolvidas no processo (Binder, Brandt, 2008). Um representava a capela da região, outro um chafariz que não mais existia, mas segundo o depoimento das mulheres, era onde pegavam a água potável para o abastecimento das suas casas e por último, a silhueta de uma mulher carregando uma criança no colo e uma lata d'água na cabeça Este último, o mais significativo para as participantes, pois trazia lembranças de uma época vivida no morro. Segundo Joana (2023): "era assim, era assim que a gente buscava água quando não tinha água encanada nas casas do morro!".

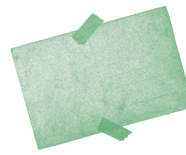
As imagens dos carimbos se tornaram estampas (Figura 2) para as sacolas de tecido americano cru, bordadas pelas mulheres em pontos localizados das imagens e costuradas posteriormente.

FIGURA 2 – IMAGEM DOS CARIMBOS



FONTE: Registro realizado pela primeira autora (2022). Imagem de um dos carimbos impressos com tinta para tecido em tecido americano cru, pelas participantes do projeto Flores do Morro. A silhueta da mulher com a criança no colo e a lata d'água na cabeça e o chafariz, respectivamente.

Por fim, as mulheres e a pesquisadora desenvolveram um projeto de bordados sobre fotografias antigas do Morro das Pedras e de seus moradores, digitalizadas e impressas em tecidos. Inicialmente as mulheres ficaram com a tarefa de buscar por estes registros em guardados próprios ou com parentes, vizinhos e pessoas conhecidas moradoras do Morro das Pedras. O que à princípio para pesquisadora parecia uma ação simples se tornou em um processo bastante laborioso, pois

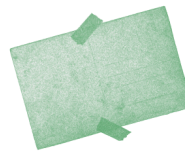


estes registros se mostraram como raridade neste contexto. As mulheres, após algumas semanas de procura, relataram que não possuíam estas fotos, menos ainda as pessoas que conheciam. Em contato realizado pela pesquisadora com outros moradores, foi orientado que buscasse por estas imagens no arquivo público de Belo Horizonte. Neste local foram encontrados alguns registros, mas a maior parte eram de políticos em reuniões para decisões sobre obras ou mudanças estruturais na região e poucas eram as fotos do território e dos moradores. Atualmente, por serem tiradas pelo celular, as fotos se tornaram registros populares. Diferentemente de algumas décadas atrás em que eram necessárias máquina fotográfica e filme, e o processo de revelação das imagens era mais demorado e caro. Neste sentido, é compreensível a dificuldade para encontrar esses registros com os moradores do Morro. Mas no caso do acervo público, a ausência destas imagens se configurou para a pesquisadora como um sintoma do apagamento de memórias, que contribui para tornar invisível e inexistente as pessoas residentes de regiões periféricas e suas histórias. Um silenciamento que extrapola o da voz, o apagamento da existência das pessoas negras e periféricas (Nascimento, 2006). Dentre os poucos registros encontrados, dez imagens foram digitalizadas e impressas digitalmente em preto e branco em quadros de tecido americano cru.

Quando viram as fotos impressas, as mulheres demonstraram grande surpresa. Ficaram alguns minutos apenas observando os tecidos que foram dispostos sobre uma mesa pela pesquisadora. Após esta pausa começaram a manusear e conversar entre elas, a fim de descobrir onde haviam sido registradas cada uma daquelas paisagens, construções, ruas e quem eram as pessoas fotografadas. Depois falaram sobre o contentamento ao constatar uma mudança significativa do lugar em que viviam. Cláudia (2022) disse repetidas vezes, "Nossa favela era feia demais, gente! Melhorou demais!". Em uma das fotos, D. Nadir ficou em dúvida se era seu neto andando de bicicleta. Ficaram um período assim, conversando entre elas, como se estivessem em um espaço paralelo, totalmente envolvidas com aqueles registros. Nesse momento todas se uniram por meio das histórias e narrativas que contavam sobre as imagens. Ingold (2015), descreve esse momento como conhecimento narrativo, segundo ele, são nesses momentos que o conhecimento é gerado.

Em conjunto as participantes analisaram as imagens e decidiram o que seria bordado em cada uma delas, interferindo nas imagens registradas, adicionando novos elementos, inventando outros cenários, outras realidades para as pessoas e para as paisagens ali representadas, por meio da arte e dos fazeres, no sentido de compreender o real e inventar o visionário (Halse, 2010). Os grupos constroem e compartilham lembranças, influenciadas por interações sociais, culturais e institucionais e estas novas interpretações e elementos das brincadeiras traziam atualização da história e das memórias coletivas. As mulheres sugeriram bordar objetos que participavam de seus universos lúdicos e de desejo. Flores, jardins e cores nas imagens de um passado impresso em preto e branco. A bicicleta sonhada por Joana, uma pipa para as crianças que estavam na laje de uma casa, escolhida por Tereza, a roupa de bailarina para outra, sugestão de Raquel. Um conjunto de prédios inaugurado no período da foto com crianças brincando, ganharam um jogo da amarelinha no chão (figura 3).

FIGURA 3 – FOTOGRAFIAS IMPRESSAS



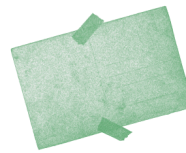
FONTE: Registro realizado pela primeira autora (2022). Fotografias de paisagens e de alguns moradores do Morro das Pedras impressas em tecido Americano cru e bordadas pelas participantes do Projeto Flores do Morro.

1.2 Considerações finais

A construção de futuros preferíveis pode ser mediada por práticas atenciosas e cuidadosas que relacionam o presente e o passado. A escuta e a postura atencional, foram fundamentais para o processo de criação, pois permitiram a construção e reconstrução das memórias, narrativas e perspectivas das mulheres em que o passado, o presente e o futuro em correspondência, pois estão interligados e se influenciam mutuamente. Assim, este futuro não é simplesmente algo que é dado ou que simplesmente acontece, ele é fluido, e pode ser construído por meio do cuidado e da atenção. As práticas de Correspondência e o método Histórias de vida e a relação com as mulheres abriu possibilidades para pesquisas em design e para a atuação de diversas abordagens no âmbito do design politicamente engajado, em direção à um comprometimento com as pessoas e com os processos para além dos produtos, em um percurso progressivo de conscientização e de reconstrução das subjetividades, corpos, natureza e dos territórios.

As aulas de costura e as temáticas acionadas por dispositivos de design, se constituíram como meio para as correspondências, para os encontros, brincadeiras, possibilidades de aproximação, conversas e para os relatos durante os fazeres manuais nas aulas. Com atenção ao momento presente, às subjetividades das mulheres, seus sentimentos e emoções, ultrapassando o aprendizado da costura para temas de questões complexas da problemática social que extrapolam o âmbito tradicional do designer e os projetos que envolvem demandas econômicas, produtivas, estéticas e de interação com o usuário. Das correspondências emergiram oportunidades para aprofundar nestes conteúdos com as participantes do projeto, relacionados à identidade, à memória e ao território.

Neste processo, o bordado e a pintura foram meios de expressão, nos quais as mulheres recontaram suas histórias de vida, trajetórias, e reconfiguraram suas relações com o passado, o



presente e o futuro. Por meio destes fazeres, elas não só materializaram suas vivências e seus sonhos, mas também construíram um espaço de visibilidade, para que suas narrativas fossem ouvidas, valorizadas e compartilhadas. Ao reinterpretar as memórias, por meio dessas práticas, as participantes do Projeto Flores do Morro desafiaram os silenciamentos impostos pelas estruturas sociais dominantes. O fazer artesanal se configurou como um meio de ressignificação de suas histórias e uma maneira de desafiar as narrativas oficiais que muitas vezes apagam as experiências e a cultura dos povos marginalizados.

Este artigo destacou os fazeres manuais e artesanais como instrumentos de resistência, transformação e reafirmação da identidade para as mulheres negras, particularmente aquelas que vivem em áreas de vulnerabilidade socioeconômica, como o Aglomerado Morro das Pedras. Portanto, este estudo enfatiza a relevância da valorização dos fazeres manuais de mulheres negras como uma forma de resistência contra as opressões históricas e contemporâneas. Ao colocar em evidência suas histórias e seus saberes, as mulheres participantes (re)escreveram suas narrativas e reforçam seus saberes ancestrais, que diz respeito a cultivar a memória individual e coletiva, para que se reconheçam e se valorizem, e assim não sejam cooptados pelo discurso dominante.

O caminho percorrido contribuiu na formação da autoestima e autonomia das mulheres. Ao contar suas histórias, as pessoas e a comunidade podem rever o que foi realizado e assim perceber sua dimensão e ainda reafirmar sua capacidade de decidir e participar. Como protagonistas, as mulheres participantes do projeto integraram, acessaram e se apropriaram de um espaço de produção e conhecimento com suas identidades e histórias.

Abstract: This article discusses the handicrafts and artisanal objects produced by the women of the Flores do Morro Project as a means of transmitting their life stories, memories, and dreams. The fieldwork was conducted during sewing classes, using the perspectives of "Correspondence," the participatory design method, and the "Life Stories" method. Participants worked with accounts of their daily lives, memories, and elements of the territory in which they live to create the images present in the artisanal objects they produce. After this experience, we conclude that artisanal practices can be configured as effective means of resistance against social positions, offering a new perspective on women's stories and knowledge. Design can help manifest and translate these stories, and above all, empower and resignify them.

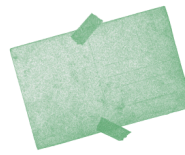
Keywords: Embroidery; Women; Life stories; Narratives.

Referências

AGOSÍN, Marjorie. **Tapestries of hope, threads of love**. 2. ed. USA: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

ALLUCCI, Renata Rendelucci. Una aguja, una lámpara, un telar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019, e54376, p. 1-14.

BINDER, Tomas; BRANDT, Eva. The Design: Lab as platform in participatory design research. **CoDesign**, v.4, n.2, p.115-129, jun. 2008.



BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo: **Blucher**, 2011.

BORGES, Adélia. Design + artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.

DEL GAUDIO, Chiara. Os desafios para o design no âmbito social e as perspectivas futuras: o conceito de infraestruturação e a redefinição do papel do designer. In: OLIVEIRA, A. J.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C. **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017. cap. 6, p. 65-80.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Colômbia: Sello Editorial, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRY, Tom. Design, a philosophy of liberation and ten considerations. **Strategic Design Research Journal**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, 2018. p. 174-176. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2018.112.16>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GONDAR, Jô. **Quatro proposições sobre Memória Social**. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L.A. et al. **Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

HALSE, Joachim. **Rehearsing the future**. The danish design school press. Copenhagen, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: Educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

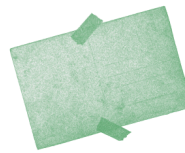
INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Revista Educação**. Porto Alegre: v. 39 n. 3, 2016.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. Londres/ Nova York: Routledge, 2013.

LEITE, Marcia de Paula. **As bordadeiras de Ibitinga: trabalho a domicílio e prática sindical**. Cadernos Pagu, v. 32, 2009, p. 183-214.

MASO, Tchenna Fernandes; MASO, Tchella Fernandes. Onde estão nossos direitos? O campo feminista de gênero bordado pelas mulheres atingidas por barragens. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 481-510, 2020.



MANZINI, Ezio. **Design**: quanto todos fazem design: Uma introdução ao design para a inovação social. Tradução Luzia Araújo. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2017.

MORAES, Ana Maria; SANTA ROSA, José Guilherme. **Design Participativo**, técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.

NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães, BARROS, Vanessa Andrade de, ARAÚJO, Adriana Dias Gomide, PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

NORONHA, Raquel. The collaborative turn: Challenges and limits on the construction of a common plan and on autonomia in design. **Strategic Design Research Journal**, São Leopoldo: Unisinos, v. 11, n. 2, 2018.

PASQUALI, Laura. História falada: memória, rede e mudança social. In: Worcman, K.; e Pereira, J. V. (org.). São Paulo : SESC SP : **Museu da Pessoa**: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p. 121-125, 2006.

RODRIGUES, Pedro Paulo Bezerra; NORONHA, Raquel Gomes. Experimentos no campo do design – reflexões sobre a linha de pesquisa Design: materiais, processos e tecnologias, do Programa de Pós-Graduação em Design da UFMA. **DATJournal**, v.6 n.3 2021.

SAMAIN, Etienne. **As imagens não são bolas de sinuca**. Como pensam as imagens. Campinas: Editora Unicamp, 2012. p.21-36

SANTANA, Maria Fernanda. Design e Artesanato: fragilidades de uma aproximação. **Cadernos Gestão Social**, v. 4, n. 1, jan./jun, 2013. p.103-115.

silvestre, Helena. Guardiãs da semente: Mulheres costurando territórios-bem-viver. Portal Geledés, 2025. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/guardias-da-semente-mulheres-costurando-territorios-bem-viver/>. Acesso em: 26 jul. 2025

VIDAL, Júlia. **Design de conexão**. Urdume.e. 2022. Disponível em:
<https://www.urdume.com.br/post/design-de-conex%C3%A3o>. Acesso em: 21 jul. 2025.

WILSON, Julia Bryan. **Fray**: Art and Textile Politics. Chicago: University of Chicago Press, 2017.

Agradecimentos

A primeira autora conta com bolsa de doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).